

TRADUÇÃO

FORMA E SIGNIFICADO DA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA. A BATALHA DE EVARTS E A BATALHA DE CRUMMIES (KENTUCKY: 1931, 1941)*

Alessandro Portelli**

Duas Batalhas

Este trabalho aborda as diferentes maneiras como dois fatos, aparentemente similares, foram registrados por historiadores e recordados por narradores orais, e tenta explicar esta discrepância e o significado dos fatos mesmos.

Os fatos são dois conflitos armados entre mineiros do carvão, de uma parte, e ajudantes de sheriff e vigilantes da empresa, de outra, que tiveram lugar nos Estados Unidos da América, no condado de Harlan, nas minas de carvão de Eastern Kentucky, em Evarts, no dia 5 de maio de 1931, e em Crummies, no dia 2 de abril de 1941. Normalmente, faz-se referência a eles como “a Batalha de Evarts” e “a Batalha de Crummies”. Em Evarts mataram quatro homens – três ajudantes do sheriff e um mineiro; em Crummies, sabe-se que morreram quatro mineiros, porém fontes orais sustentam que muito mais baixas ficaram sem registrar. Respectivamente, as batalhas tiveram lugar no princípio e no final de uma era dramática de lutas de classe entre mineiros e os homens das empresas de carvão. A etiqueta “Harlan sangrento”, com que se alude ao condado em determinadas ocasiões é, em parte, o resultado dessa história.

Enquanto a Batalha de Evarts encontra-se extensamente do-

* Artigo publicado originalmente em *Historia y Fuente Oral*. Barcelona (4) : 89-113, 1990. Tradução e revisão técnica: Leandro José Nunes (doutorando em História e professor da Universidade Federal de Uberlândia).

** Alessandro Portelli é professor da Universidade de Roma “La Sapienza” e Presidente do Circolo Gianni Bosio para a memória e o conhecimento crítico da cultura popular.

cumentada por fontes orais e é amplamente discutida por historiadores e memorialistas, a Batalha de Crummies é apenas mencionada, exceto em fontes orais. As únicas referências escritas recentes que tenho encontrado são de memorialistas locais que, ou a descrevem como “uma matança” unilateral, ou negam por completo sua existência.¹

As fontes orais mostram a Batalha de Crummies, de 1941, como muito mais dramática que a anterior, de Evarts. Frances “Granny” Hager, que participou de ambas, recordava com detalhe a Batalha de Evarts, porém, ao perguntar-lhe: “Lá, qual foi o lugar mais difícil que você recorda? O momento mais difícil de organização que tiveram aqui?”, ela respondeu: “Pensando bem, me ocorrerá o nome do lugar – Crummies Creek”. É interessante que seu entrevistador, um historiador oral local muito competente, além de organizador cultural, foi incapaz de situar a referência que ela havia assinalado.²

Não era uma exceção. Quando Florence Reece, também uma ativa mulher sindicalista procedente de Harlan e autora da conhecida canção *Wich Side Are You On?* (De que lado estás?), se referiu, de modo parecido, à Batalha de Crummies: “Foi em 1938 ou 1941, quando o ajudante do sheriff montou uma metralhadora no balcão de uma barraca da empresa e disparou contra nove mineiros enquanto entravam pela porta?”, “Ah, sim, 1941”, seu editor comentou que “nem sequer os mais veteranos conseguem recordar a que episódio” se refere.³

¹ TITLER, George J. *Hell in Harlan* (Beckely, W. VA.: BJW Printers, sem data), p.205; W.C. Stump. *The Bloody Harlan County History. Like It Or Not* (Harlan, KY.: planfeto de impressão particular, 1989)

² Frances “Granny” Hager, entrevistada por Mike Mullins, Lothair, Kentucky, 31 de janeiro de 1978, em *Appalachian Oral History Collection*, do Alice Lloy College. Esta entrevista continuou em 28 de março do mesmo ano. Minhas citações procederão de ambas entrevistas. Outras citações de “Granny” Hager procedem de minha própria entrevista com ela em Hazard, Kentucky, 11 de setembro de 1973.

³ Bob Hall, comentário sem título em *Southern Exposure*, IV, 1-2 (Primavera/Verão, 1976), p.91.

A única razão que me permitiu situar a referência de Florence Reece é que, na raiz de meu trabalho de campo, vivi com famílias de mineiros em zonas adjacentes a Crummies Creek. Cada vez que passávamos pelo armazém onde teve lugar a Batalha, quem quer que me acompanhasse o assinalava e voltava a relatar a história da batalha. O escritor de Kentucky, Gurney Norman, me disse também que, cada vez que dirigia pela estrada desde sua casa, no condado de Lee, Virgínia, a caminho para visitar seus familiares, no condado de Perry, Kentucky, alguém lhe assinalava o edifício e lhe relatava a história.⁴

Tentarei interpretar a discrepância entre a memória oral viva e concreta da Batalha de Crummies e sua ausência do registro histórico, em comparação com a Batalha de Evarts, partindo do suposto de que um fato não se define como tal por suas características intrínsecas, senão que é uma construção cultural baseada no contexto criado pela memória através de sua conexão com outros fatos e pela forma em que se relata a história. Logo, passarei a interpretar o “significado” destes fatos, ou seja, o que nos dizem da cultura que os experimentou e recordou. Começemos, pois, com um breve ensaio sobre as fontes existentes.

Evarts, 5 de maio de 1931

“Evarts (é) um povoado de 1800 habitantes no condado de Harlan, pequeno, de aspecto algo desolado, a uns 13 quilômetros de Harlan, centro administrativo do condado. Quando diriges por Evarts, custa crer que aqui tenha sucedido algo. Porém Evarts tem vivido mais dificuldades do que merece. Em 1931, a Batalha de Evarts foi noticiada pelos meios de comunicação nacionais”.⁵

“No princípio da primavera de 1931, a Depressão, um inverno suave, e o descanso sazonal da associação dos transportadores que operam no lago, se combinaram para deprimir de forma séria a

⁴ Gurney Norman, em conversação. Roma, janeiro de 1989.

⁵ John Ed Pearce. *Courier Journal*. Suplemento dominical, 6 de outubro de 1985, p.6

indústria do carvão em Harlan”, escreve o historiador John Hevener.

Em 16 de fevereiro, em plena escassez econômica, as empresas locais do carvão declararam uma redução salarial de 10%. Devido à irregularidade do emprego e aos soldos reduzidos, muitos mineiros e suas famílias começaram a experimentar o aperto de uma pobreza abjeta... No domingo, 1 de março, mais de dois mil mineiros dos condados de Harlan e Bell assistiram a uma assembléia em um teatro de Pineville, em que Philip Murray, vice-presidente nacional do UMW (Sindicato dos Trabalhadores de Minas), incentivava a reorganização do Distrito 19 (do sindicato)... Na manhã seguinte, várias empresas de Harlan, cujos espías haviam informado os nomes dos mineiros locais que haviam assistido à assembléia, começaram a despedir e a despejar seus membros. A maior parte dos mineiros despedidos e despejados se deslocaram com suas famílias para Evarts, um dos três povoados do condado que não pertenciam às empresas [...]⁶

“Notava-se que havia algo no ar”, recorda Chester Pore, que esteve a ponto de passar dez anos na prisão por sua suposta participação na batalha; “Tinha que ser assim, é evidente – ao não saber de onde viria a seguinte maldita comida, veja [...]”.⁷

“Na terça-feira, 5 de maio de 1931”, escreve o memorialista de Harlan, William D. Forester,

[...] estalou aquela pressão contínua. O esperado enfrentamento entre mineiros em greve ou despedidos e os ajudantes do sheriff se fez realidade [...] Morreram quatro homens e muitos mais foram feridos nesta luta, que chegou a ser conhecida nacionalmente como ‘a Batalha de Evarts’. A acusação sustentou que mineiros e simpatizantes ocultos assaltaram um grupo de ajudantes do sheriff nas

⁶ John Hevener. *Which Side Are You On?* (Urbana, Ill: University of Illinois Press, 1978), p. 33-34.

⁷ Citado em Bill Bishop. “1931: The Battle of Evarts”, *Southern Exposure*, IV, n. 1-2 (Primavera/Verão, 1976), p. 92-101.

cercanias de Evarts, próximo da via do trem [...] Os mortos foram: Jim Daniels, ajudante do sheriff, Otto Lee, ajudante do sheriff, Howard Jones, empregado de um armazém [...] e Carl Richardson, supostamente do grupo de assaltantes.⁸

Os mineiros haviam se reunido na estação do L&N de Evarts quando souberam que um caminhão, que transportava móveis para um trabalhador que não era membro do sindicato, iria passar pelo povoado escoltado por ajudantes do sheriff, a caminho da mina de carvão da Black Mountain Corporation, em Verda. De acordo com algumas histórias, correram rumores de que se dirigiam a Evarts uns jagunços armados, com o propósito de assaltar o povoado e violentar as mulheres dos mineiros. Ao passar a comitiva por uma passagem estreita, junto à estação do trem, soou um disparo. Aqui divergem as versões: de acordo com a versão que mais tarde manteriam os tribunais de Kentucky, uma chuva de disparos alcançou os veículos, morreram dois dos vigilantes antes que pudessem os veículos. De um deles saiu Jim Daniels para responder ao fogo, sendo assassinado de imediato por um disparo no rosto. Segundo a versão da defesa, os veículos se detiveram e saiu Jim Daniels depois do primeiro disparo isolado; respondeu abrindo fogo com a intenção de disparar no franco-atirador; só então os demais mineiros dispararam sobre ele. Longe de assaltar os veículos, na realidade os mineiros escapavam para protegerem-se. “Granny” Hager recorda:

E agora, quando mataram Jim Daniels em Evarts, eu me encontrava a três metros dele quando lhe alvejaram, e os homens corriam para a margem do rio, se metiam atrás dos montões de dormentes⁹. Bill Worthington (um mineiro negro e militante do sindicato) disse ‘Granny, por que não se esconde em algum lugar?’. Eu lhe disse, ‘Os homens já ocuparam todos os esconderijos, não tenho

⁸ FORESTER, William D. *Harlan County – The Turbulent Thirties*. Harlan, KY: impressão particular, 1986, p. 9.

⁹ A depoente refere-se a dormentes utilizados na via férrea. (N.T.)

outra opção, tenho que ficar aqui'.¹⁰

Após a batalha, foram processados 43 mineiros. Os líderes de base da greve foram acusados de conspiração pelo assalto aos vigilantes (que eles, por suposto, negaram); foram sentenciados à prisão perpétua oito homens, que cumpriram de cinco a dez anos de prisão antes que fossem perdoados pelos governadores do Kentucky. Depois da Batalha, a Guarda Nacional foi enviada a Harlan e permaneceu ali até que acabou a greve e o UMW se retirou do condado. Poucos dias depois, os organizadores de um sindicato de dupla direção, o Sindicato Nacional de Mineiros, dirigido por comunistas, entraram no condado de Harlan, dando início uma segunda fase na luta, sobre a qual voltarei mais adiante.

Crummies, 2 de abril de 1941

“Granny” Hager. Crummies Creek. Agora, ali houve matanças e não posso te dizer exatamente quantos mataram. Veja, é que antes eu tinha tudo isso anotado, porém a água levou estas anotações tantas vezes e acabou ardendo. Mas não consigo recordar quantos mataram, porém, não sei tudo o que sucedeu, mas, lá acima travaram uma autêntica batalha. Creio que houve cinco mortos. Queriam que os fura-greve seguissem trabalhando e queriam expulsar os homens do sindicato, veja, e simplesmente deixar que os fura-greve entrassem e saíssem quando quisessem. E foi isso o que começou a batalha.¹¹

George Titler, que foi responsável pelo impulso organizador do UMWA no condado de Harlan, escreve em sua autobiografia:

Em 1 de abril de 1941 fecharam-se as minas do país quando as empresas, incluídas as de Harlan, se negaram a assinar um contrato com o UMWA. Durante esta breve greve, teve lugar em Crummies

¹⁰ Entrevistada por Alessandro Portelli, Hazard, KY: 11 de setembro de 1973.

¹¹ Entrevista de Mullins, 28 de março de 1978.

Creek uma das matanças mais violentas da história do condado de Harlan. O assassino foi o jagunço Bill Lewis, que foi assassinado quatro meses mais tarde, e suas vítimas, todos eles sindicalistas, foram Virgil Hampton, Oscar Goodlin, Charles Ruth e Ed Tye.

Segundo Titler,

Lewis estava posicionado atrás de um posto de metralhadora, sobre o balcão do açougue de uma barraca da empresa em Crummies Creek. Quatro piqueteiros do UMWA, que estavam cansados e sedentos, entraram na barraca para comprar uma coca-cola. Lewis se lançou com a metralhadora e matou os quatro.¹²

Um editorialista do *Harlan Daily Enterprise* local assinalou uns dias mais tarde:

Faz alguns dias, um grupo de homens invadiram o armazém do Crummies Creek Coal Co. e, quando os retiraram, quatro deles estavam mortos e outros feridos. Houve outros mortos que nunca foram admitidos. Um dirigente que conhecia os homens tem dito que estes foram alcançados por disparos quando entraram na barraca para comprar uma coca-cola cada um. Eu creio nisso? Não!

Segundo o redator, o mesmo grupo já havia assaltado outros armazéns dos arredores, espancando mineiros que não pertenciam ao sindicato e ameaçando as autoridades. “A única sede que tinham os líderes destes homens era sede de sangue de alguém que não pagava suas cotas ao sindicato”.¹³

Os narradores orais contam uma história completamente diferente. Destacam alguns detalhes – por exemplo, a metralhadora sobre o balcão. Outros são mais exagerados e se fazem mais con-

¹² TITLER. *Hell in Harlan*, p. 163, 205.

¹³ C.K.W's Mind Run. *Harlan Daily Enterprise*, 16 de abril de 1941. Quero agradecer a Kate Black, da University of Kentucky Libraries, sua ajuda para localizar esta fonte.

traditórios: o fogo da metralhadora começou antes ou depois que os homens entraram no armazém? Quantos homens haviam no piquete? Estavam armados? Os disparos procediam unicamente de um dos lados? Houve mais baixas, de qual lado, quantas?

Plennie Hall.

(Foi) o dia antes da batalha, e eu entrei no escritório e disse ao senhor Johnson: 'Sr. Johnson', lhe digo, 'não assina com o sindicato?' lhe digo. 'Seria bom para todos, estar satisfeitos de tudo'. E ele disse 'Hostia'¹⁴, no', disse que não se oferecia (assinava) ao sindicato sob nenhuma circunstância. E então, no dia seguinte, subiu o sindicato lá no alto para obrigar-lhes a não trabalhar.¹⁵

Hazel Leonard.

Pela manhã, quando os homens saíam (em greve), reuniam-se todos em um ponto determinado (para organizar os piquetes). Meu marido era um ativista; naquela manhã passou pelos acampamentos, despertando toda a gente. E ele tinha que ir, estava previsto que iria a Crummies. E, em algum momento, mudaram. Havia problemas em Highsplint. Por isso o enviaram a Highsplint. Escolheram os que queriam ir a Highsplint, e os que queriam ir a Crummies. Foi assim, dessa maneira, que ele não foi; enviaram-no a Highsplint naquela manhã, senão também teria estado ali. E todos levavam armas, os homens do sindicato levavam armas; mas tinham que fazê-lo, porque tinham que protegerem-se, sabe. E, bom, eles, quando chegaram a Crummies, isso era exatamente como um exército.¹⁶

Ben Campagnari.

Eram uns quinhentos os que se encontravam naquela marcha. Es-

¹⁴ A expressão Hóstia é um vulgarismo que, neste caso, traduz uma imprecisão. (N.T)

¹⁵ Entrevistado por Alessandro Portelli, em Barbourville, KY: 18 de julho de 1987.

¹⁶ Entrevistada por Alessandro Portelli, em Louellen, KY: 28 de outubro de 1988.

távamos todos lá no alto (na ladeira do monte, em Crummies Creek), e os veículos estavam estacionados junto ao armazém; há um sítio amplo lá no alto, tínhamos veículos estacionados por todo o caminho, até o bosque. De todo modo, o sindicato tinha uma furgoneta, com um megafone. Virgil Hampton, ele falava pelo megafone; diziam que haviam fechado o armazém. Digo, 'Deixe que eles fechem esse maldito armazém asqueroso', digo, 'não queremos nada de tudo isto, nada'. E parte de nossos homens estavam lá dentro.¹⁷

Hazel Leonard.

E assim alguns dos homens entraram na barraca, sem saber que eles haviam preparado uma armadilha, sabes, começariam a disparar sem mais, a disparar sobre eles. E assim, quando entraram ali (na barraca), começaram sem mais a disparar sobre os homens do sindicato. Mataram três, creio que foi.

Ben Campagnari.

Então começaram a disparar as metralhadoras, desde fora, lá no alto, acima das escadas, e arrebentavam pedaços da calçada, parecia tabaco grande enroscando-se. E, (é) uma maravilha (que não tenha) havido mais mortos do que houve, vês; e foram quatro os que mataram ali, vês. E, meu irmão se estirou junto a um veículo, e se estirou – arrebentaram uma roda e ao arrebentar aquela roda, caiu sobre ele um pouco de pedras miúdas, saltou, saiu voando, pensava que haviam disparado sobre ele.

Plennie Hall.

E havia um rapaz dos Hampton; está vinculado¹⁸ com uns Hamptons que vivem lá abaixo, são bons amigos meus. Mataram três homens

¹⁷ Entrevistado por Alessandro Portelli, em Harlan, KY: 28 de outubro de 1988.

¹⁸ Emparentado, no original, que significa contrair parentesco pela via do casamento. (N.T.)

que tentavam salvar-lhe a vida. Dispararam-lhe na perna, acima, na coxa, aqui, e dispararam-lhe na veia jugular. Tentava pôr uma bandagem, para deter a sangria, e a metralhadora acima, no escritório do armazém (seguia disparando).

Granny Hager.

Agora, aquele foi o lugar mais duro que tivemos no condado de Harlan. Não deixes agora que ninguém te diga que é um homem ou uma mulher valente. Os vê disparando a teu redor, ou vês a teu lado alguém ferido, agora, se tens algum lugar para esconder-te, vais tentar. Eu havia sido, pensava, valente, porém agora, em um momento como esse, tu vais se tens algum lugar aonde ir.¹⁹

Annie Napier.

Não dispararam aquelas metralhadoras enquanto puderam ver que alguém se movia, tio Plennie? Eles dispararam à vontade enquanto viam que alguém se movia.²⁰

Plennie Hall.

Sim. Nunca se soube quantos mataram naquele momento. Uma daquelas balas me acertou, e não sei de onde veio. Era uma bala de metralhadora; era uma máquina calibre 45, acima das escadas. Esteve alguma vez em algum tipo de batalha ou algo assim? Nunca? Se alguma vez põem em marcha o fogo de uma metralhadora, o melhor que podes fazer é esticar-te ali mesmo, porque se tu moves, o se tentas levantar-te e fugir, estás ferido, morto, ou como seja, te disparam. A mim, me cortaram varias vezes com balas a superfície da pele das costas. Tentei salvar outro, tentei agarrá-lo. É duro

¹⁹ Entrevista de Mike Mullins, 28 de março de 1978.

²⁰ Comentário realizado durante a entrevista com Plennie Hall, 18 de julho de 1987. Annie Napier foi uma das pessoas que me contou a história da batalha enquanto passávamos pela barraca do armazém.

pensar nisso, de como os tempos foram duros naquela época.

Ben Campagnari.

Agora, íamos correndo, e tínhamos um homem com uma perna de madeira. Não acreditarias. Descendo por aquela via do trem, e ele saltava quatro dormentes de cada vez; e ele se adiantava à metade da gente que tinha boas pernas, e corríamos todos porque iam nos cortando com a metralhadora, ou tentando. Porém, a forma em que a tinham elevada, é uma sorte que a muitos de nós não nos – porém, quero dizer, mais do que conseguiram matar, vês. Tié, e Hampton – Virgil Hampton, e Tié, não me ocorrem os outros nomes. Tínhamos ali três de nossos homens, e ali assassinaram um dos jagunços, porém nunca quiseram dizer seu nome. E ali mesmo eu disse: ‘Se alguma vez volto a meter-me em uma linha de piquetes, irei com proteção’. Morremos como patos. Piquetes pacíficos. Porém houve um tipo que regressou a seu veículo, tinha um rifle de alta potência (colocado) em cima do cruzamento e, menino, quando vias disparar aquela coisa, quando ia correndo, me voltei para olhar, e se viam os ladrilhos voando por todas as partes. Sabes, disparava sobre aquele armazém, porém não enxergava a janela onde estava montada aquela metralhadora, vês. Lá a tinham montada sobre mesas de açougue.

Hazel Leonar.

Foi na barraca, no sótão; a batalha maior se deu no sótão. O encarregado da barraca, ou alguém ali, não sei qual, talvez o açougueiro – porém é igual, ele tinha uma metralhadora em cima da mesa onde cortam a carne. E foi ele quem pôs em marcha a arma contra esses homens que entraram primeiro. E então quando fez isso – o resto estava preparado. Sabiam que sucederia a batalha. Eles sabiam; e estavam preparados. Suponho que todos os homens do sindicato também entraram (assaltaram a barraca do armazém), e sem mais (os jagunços) se desfizeram deles. Começaram a matar sem mais – quando se tranquilizou o suficiente para

que pudessem fechar as portas, sabes, o fizeram. Não sei quantos mataram; não saberemos nunca porque não disseram nada.

Plennie Hall.

Eles (os homens da empresa) se foram pela montanha, para lá, em direção (a Virginia), cruzaram aquela montanha com os pés (de seus mortos) assomando pelas janelas. Três semanas mais tarde estive ali trabalhando, e havia uma tubulação para desaguar que passa por lá, abaixo, e havia alguém enroscado naqueles canos de desaguar e que tinha sido morto, e os cachorros arrancaram alguns de seus ossos. Nunca se tornou a dizer mais sobre o assunto. Perguntava-me quem poderia ter sido, ou de onde vinha. E havia uma sala de baile lá na montanha, passas por lá ao vir, porém já não existe, mas então sim. Na noite que se fez aquela matança e tudo aquilo, e toda aquela gente cruzando a montanha, essa construção ardeu, e eu pensei muito naquilo. Se havia muita gente metida lá dentro e se queimaram, ou o que sucedeu, não sei.

Hazel Leonard.

E, aquela noite, os jagunços que sobreviveram, retiraram dali todos os seus mortos e os carregaram até lá no alto da montanha, a montanha de Crummies, e os queimaram. Havia um lugar lá acima, que chamavam Halfway House, era só um local, sabes, só para que os homens bebessem e passassem um tempo. E vendiam álcool e de tudo, já sabes o que quero dizer. De modo que carregaram até ali toda essa gente que haviam matado naquela noite – os jagunços. Carregaram-nos toda a noite subindo a montanha até aquele lugar e então os queimaram. Os queimaram. E então umas mulheres dali, do oeste, começaram a investigar ou a mandar que o fizessem, querendo saber o que havia sido de seus maridos, não regressaram a casa e nunca souberam nada, o que havia sucedido nem nada. E não, nunca souberam nada. Não sabem o que sucedeu até o dia de hoje. Seus maridos não chegaram nunca de volta a casa, mas os mataram e os queimaram, lá acima, naquela montanha.

Porque haviam alugado armas, sabe, me disseram, por aí, pelo oeste, de algum lugar no oeste para virem aqui fazer isto. E pretendiam matar todos os homens que saíram naquela manhã para aquela greve, porém não o fizeram, só mataram quatro, suponho. Uma razão porque sei tanto de tudo isto é que o marido de minha tia era um dos jagunços. A (ele) não o apanharam; porque era um policial de Evarts já fazia muito tempo, todo mundo o conhecia. Expulsaram-no de Harlan. Disseram-lhe que não queriam tornar a vê-lo nunca mais por aí. E ela me contou.

Duas semanas depois da Batalha de Crummies, ocorreu outra batalha sangrenta na fronteira do Tennessee e Kentucky, em Fork Ridge, no vizinho condado de Bell, com um custo de quatro vidas – incluídas as autoridades máximas da Fork Ridge Coal Company, e um mineiro sindicalista.²¹ Pouco depois disto, as empresas concordaram em assinar o contrato.

A Gramática do Tempo

Examinemos agora as formas em que se constrói a Batalha de Evarts como fato histórico, enquanto a igualmente (no mínimo) dramática Batalha de Crummies permanece restringida às recordações dos participantes e de seu círculo mais imediato. A construção cultural do fato se configura sobre quatro eixos inter-relacionados: a gramática do tempo, os referentes espaciais, o paradigma social, o ponto de vista narrativo.²² Começemos com a gramática do tempo.

O tempo, como sabemos, é um contínuo; um fato, por outro

²¹ TITLER. *Op. Cit.*, p. 206; *Harlan Daily Enterprise*, 16 de abril de 1941.

²² Esta análise é construída a partir de um marco teórico desenvolvido em artigos anteriores: “La memoria e l’evento. L’assassinio di Luigi Trastulli”, *Segno Critico*, II, 4 (1981), versão espanhola em *Historia y Fuente Oral*, n. 1; The Time Of My Life : Functions of Time in Oral History, *International Oral History Journal*, II, 3 (Otoño 1981), p. 162-180. Os dois se encontram atualmente em *The Death of Luigi Trastulli and other Stories. Form and Meaning in Oral History* (Albany, NY: State Of New York University Press, de próxima edição).

lado, se concebe como pontual e descontínuo. Os fatos se identificam e se situam no tempo em termos de um eixo sintagmático linear (cronologia), dois paradigmas verticais (simultaneidade temporal, similitude formal), e sua combinação no discurso histórico. O eixo sintagmático divide o contínuo do tempo em unidades descontínuas (um ano, um minuto, uma década); o procedimento mais familiar é o da periodização. Os eixos paradigmáticos de simultaneidade selecionam, entre muitos fatos que ocorrem em qualquer unidade dada de tempo, aqueles que o discurso histórico deverá considerar e os combina em uma sequência coerente com fatos relacionados que têm lugar em outras épocas.

Quando aplicamos este padrão às batalhas de Evarts e Crummies, o primeiro que notamos no eixo linear é que Evarts ocorreu primeiro. Foi percebida como uma revelação espantosa do amargo conflito de classes e de opressivas relações sociais dentro de uma nação supostamente democrática. Crummies, por outro lado, foi uma repetição de coisas sabidas, um *déjà vu*. A percepção coetânea fica refletida no modo em que a história reconhece a Batalha de Evarts como o princípio de uma era que, se supõe, está finalizando no momento em que teve lugar a Batalha de Crummies.

Isto nos situa ante o eixo vertical de simultaneidade. Evarts 'foi notícia nacional' porque parecia ser representativa da radicalização do conflito social que acompanhou o começo da Depressão. Os meios de comunicação nacionais, e intelectuais e escritores urbanos – desde Theodore Dreiser até John Dos Passos, Sherwoods Anderson, Waldo Frank, Ronald Niebuhr – foram em massa a Harlan depois da Batalha de Evarts, para investigar e divulgar a notícia. Para todos eles, Evarts e Harlan simbolizaram a tragédia da Depressão e a violência da sociedade capitalista.

A Batalha de Crummies, por outra parte, não se harmonizava com seu contexto histórico de unidade nacional do pré-guerra e, portanto, parece menos significativa, ou seja, não típica nem representativa de nada. Em 1941, a Depressão havia terminado oficialmente. A maldição que lançou Franklin Delano Roosevelt sobre sindicatos e operários – “uma praga sobre a casa de ambos” –

refletiu o esgotamento do país com uma controvérsia aparentemente interminável. A atenção agora se concentrava na guerra na Europa, na possibilidade de que os Estados Unidos se envolvessem nela, no futuro esforço de guerra. Neste contexto, uma luta armada no remoto Kentucky tinha tantas possibilidades de fazer-se notar como um texto tardio, ainda que representativo da Depressão – *Let Us Now Praise Famous Men* (Elogiemos agora os homens famosos) de James Agee – que apareceu no mesmo ano que a Batalha de Crummies, e também passou despercebido. Haviam concluído os anos trinta.

O que volta a situar-nos frente ao eixo vertical da periodização. Uma razão pela qual a Batalha de Crummies se acha ausente dos livros de história é que costumam tratar “os anos trinta” de forma demasiado literal. Por exemplo, John Hevener consultou periódicos desde 01 de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939; não surpreende que excluísse Crummies. A história e memória local de William D. Forester, *Harlan County – The Turbulent Thirties* (O condado de Harlan – Os turbulentos anos trinta), também se detêm com a assinatura dos contratos em 1939: “Detenhamos-nos aqui mesmo, agora que tudo está bem tranquilo”, conclui.²³ O único livro que menciona Crummies, de fato, não é uma memória histórica, senão pessoal: a recordação de George Titler de seus anos em Harlan, que se baseia em uma periodização mais pessoal que histórica, e que reconhece que, para os mineiros de Harlan, os anos trinta não terminaram até 1941 – se é que alguma vez terminaram. Depois de tudo, homens morreram em greves em Harlan nos anos 70 e, hoje, praticamente o condado inteiro se declara não sindicalista.

A divisão do tempo também influi na elaboração do fato histórico de outro modo. A história escrita convencional, coerente com a discreta natureza de escrever, tende a dividir o tempo em fatos descontínuos, separados. As fontes orais, que dependem da limitada memória pessoal, tendem a condensar os fatos individuais em representações sintéticas de um contínuo. Portanto, as históri-

²³ FORESTER. *Op. cit.*, p. 262.

as escritas tendem a ser sintagmáticas (um acontecimento depois de outro), enquanto que as narrações orais costumam inclinar-se por uma estrutura paradigmática.

Assim, pois, as histórias e memórias escritas relatam histórias cronológicas de batalhas destacadas – Evarts, 5 de maio de 1931; Stanfil, 12 de julho de 1939;²⁴ Fork Ridge, 15 de abril de 1941 – enquanto que as fontes orais representam um estado de guerra permanente. Os historiadores alienam os episódios em sequências sintagmáticas lineares, enquanto que os narradores orais se movem entre eles para adiante e para trás em forma de associações mentais. Em uma sequência típica, que se aplica tanto às entrevistas de Mike Mullin com Granny Hager como às minhas com Ben Campagnari e Hazel Leonard, perguntas sobre Evarts são respondidas em um ir e vir contínuo entre as histórias sobre Evarts e as histórias sobre Crummies.²⁵ Um efeito é que a preeminência que recebe Evarts por ter sido a primeira na ordem cronológica, se vê enormemente atenuada nas narrações orais, nas quais tanto Evarts quanto Crummies existem simultaneamente na *gestalt* da memória.

Isto tem influência na seleção do fato “representativo”. Uma história dos fatos orientada à mudança se centra naturalmente no fato que marca o princípio e o descobrimento de uma nova situação. A sintética *longue-durée* da memória supera a cronologia, e o fato mais dramático (e, talvez, mais recente) tem mais possibilidades de ser selecionado como representativo do que um que só resultou ser primeiro. De fato, existe uma possibilidade de que, uma vez selecionado o acontecimento, se lhe agregue na memória detalhes de outros acontecimentos e situações: assim, pode

²⁴ Sobre a Batalha de Stanfill, veja HEVENER, *Which Side Are You On?*, p. 167-168.

²⁵ Em minha entrevista com Hager o ir e vir abarca um intervalo de tempo mais amplo. Vai e vem dos anos trinta ao movimento dos *Roving Pickets* (Piquetes Itinerantes) dos anos 60, aos *Miner for Democracy* (Mineiros pela Democracia) e o *Black Lung Movement* (Movimento do Pulmão Negro) dos anos 70, criando o paradigma de sua vida como – servindo-me de uma frase de uma canção tradicional, popular em Harlan – “*una muchacha de lucha constante*”

ser que algumas das versões orais da Batalha de Crummies tenham sido influenciadas por sua simultaneidade tão próxima com a Batalha de Trace Fork, além de por outro episódio que ocorreu em Crummies, em 1931, poucos dias depois da Batalha de Evarts, quando uma manifestação de trezentos trabalhadores sindicalistas foi dispersada pela Guarda Nacional.²⁶

Paradigmas Sociais e Referentes Espaciais

Passemos agora da gramática do tempo ao paradigma social e aos referentes espaciais relacionados. Nenhum fato se reconhece como tal isoladamente; necessita formar parte de um todo coerente – uma história, ou um relato. As histórias e os relatos se compõem juntando fatos que se consideram conectados por alguma relação paradigmática. Um desses paradigmas se refere ao fio de referência social ao qual os narradores atribuem o significado de seus relatos. Em essência, podemos identificar três níveis distintos:

Institucional: a esfera da política, governo, partidos, sindicatos, eleições; o contexto histórico nacional e internacional; a ideologia.

Coletivo: a vida da comunidade, o bairro, o lugar de trabalho; greves, catástrofes naturais, rituais; participação coletiva em episódios “institucionais”.

Pessoal: vida privada e familiar; o ciclo vital: nascimentos, casamentos, empregos, filhos, mortes; participação pessoal nos outros dois níveis.²⁷

Cada um destes níveis se acha funcionalmente relacionado com um referente espacial: o nível institucional com a nação ou o mundo; o nível coletivo com a comunidade, o bairro, o lugar de

²⁶ O panfleto de W.C. Stump data a Batalha de Crummies em 15 de abril que é, na verdade, a data da Batalha de Fork Ridge. Sobre o episódio anterior de Crummies, veja HEVENER, *Which Side Are You On?*, p. 49.

²⁷ Estes níveis e sua relação com acontecimentos e padrões de narração individuais estão descritos em “La memória e l’evento” e em “The Time of My Life”.

trabalho; o nível pessoal com a casa. Uma das diferenças entre as histórias sobre Evarts e as histórias sobre Crummies é que estão ligadas a diferentes paradigmas sociais e distintos referentes espaciais.

Tão logo terminou a Batalha de Evarts, o discurso se trasladou do nível coletivo ao institucional; e da comunidade ao Estado – em ambos os sentidos, distante da esfera de influência do mineiro. Como bem disse Forester, “as linhas telefônicas entre Harlan e (a capital do estado de Kentucky) Frankfort estavam quentes de tantas chamadas ... dois dias mais tarde, quinta-feira, 7 de maio, apareceu em cena, no condado de Harlan, a Guarda Nacional”;²⁸ a situação estava controlada, política e militarmente, antes em Frankfort que em Harlan. Depois, o juízo também foi trasladado de Harlan para Mt. Sterling, uma comunidade agrícola na região rural de Kentucky.

Os dois traslados foram estratégicos. As esperanças dos mineiros, de que uma autoridade mais distante fosse mais neutra que os sheriffs locais, se viram rapidamente desiludidas quando a Guarda Nacional se arrogou a missão de acabar com a greve.²⁹ O traslado do juízo a Mt. Sterling também diminuiu a possibilidade de que os mineiros fossem escutados. John M. Robinson, assessor da defesa, escreveu:

Apenas uma de nossas testemunhas tinha algum dinheiro para fazer a viagem até Mt. Sterling e não tinha nenhum dinheiro para pagar a alimentação ou uma pensão... E mais, nos enviaram a uma comunidade do Bourbon... Eles sabem bem pouco, ou nada, sobre os que trabalham nas minas... pouco ou nada do sindicalismo organizado e em geral se mostram ariscos com o sindicalismo organizado.³⁰

As mesmas autoridades locais que receberam o controle ex-

²⁸ FORESTER. *Harlan County*, p. 10.

²⁹ HEVENER. *Which Side Are You On?*, p. 47; Forester, *Harlan County*, p. 10.

³⁰ John M. Robinson a John L. Lewis, presidente da United Mine Workers of America, UMWA Correspondence Files, 1 de dezembro de 1931.

terno da lei e da ordem, não obstante, se opuseram à tentativa da oposição de ampliar o paradigma social e o referente espacial. Depois que o UMWA se retirara de Harlan, em finais de maio de 1931, chegou à zona o Sindicato Nacional de Mineiros (NMU), de orientação comunista, fixou-se no local e dirigiu uma greve que durou até 1932. A força do NMU não estava tanto em sua organização, mas em sua habilidade, como sindicato radical, para agitar a opinião pública mobilizando os intelectuais de esquerda. Sua estratégia era ligar o nível de comunidade e o discurso dos mineiros com um público mais extenso e uma referência mais ampla. O informe de Theodore Dreiser sobre as ações de seu comitê nos condados de Harlan e Bell, *Harlan Miners Speak* (Falamos os mineiros de Harlan), junto com incontáveis artigos de imprensa e revistas, contribuíram para manter Harlan nos meios de comunicação durante vários meses.³¹

Por uma parte, a estrutura de poder local tentou fomentar certo ressentimento para com aqueles “intrometidos” forâneos e “agitadores” que vinham de Nova York para difamar o nome de Harlan. Por outra parte, como assinala John Gaventa, usaram seu poder de “guardião da porta” para que os mineiros não pudessem inteirar-se da solidariedade para com a greve, que se dava em escala nacional. Os periódicos locais censuravam as notícias e Dreiser, Waldo Frank e outros visitantes foram detidos, violentamente deterrados do condado, incriminados sob acusações que iam desde o sindicalismo criminoso até o adultério.

O resultado foi outro silêncio parcial imposto aos mineiros. “O liberal do norte”, escreve Gaventa, “buscava permitir uma liberdade de expressão para os mineiros desafiando as barreiras ao exer-

³¹ DREISER, Theodore. *Harlan Miners Speak*. New York: Da Capo Press, 1970. Uma mostra de informes da esquerda sobre a greve de Harlan de 1931-1932 se encontra em *Harlan and Bell 1931-1932. The National Miners Union. As Reported at the Time in "The Labor Defender"* (Juntington, W.VA: Appalachian Movement Press, 1972). Sobre o papel do NMU em Harlan, veja também DRAPER, Theodore. “Communists and Miners”, *Dissent* (Primavera 1972), p. 371-392.

cício de seus direitos civis; porém, a consequência foi a transformação da substancia e os lugares dos problemas longe daqueles originalmente expressados e sentidos pelos mineiros”. Assim, a incriminação de Dreiser “recebeu muito mais atenção pública do que o propósito ou resultados originais de sua investigação”.³²

Um efeito das experiências dos comitês Dreiser, Niebuhr e outros foi que Harlan se converteu em um assunto de preocupação federal, em um tema de discurso institucional com um referente de espaço nacional. Um subcomitê do Senado dos Estados Unidos, presidido pelo senador Edward P. Costigan, investigou “As condições nos condados de Harlan e Bell”. Em que pese ter se comportado amistosamente com os mineiros, o Comitê Costigan não conduziu as entrevistas em Harlan, senão em Washington; escutou mais observadores forâneos que mineiros locais; e se ocupou mais do nível institucional (as violações dos direitos civis) que dos aspectos coletivos e pessoais dos direitos econômicos dos mineiros.³³

Nada disso teve lugar depois da Batalha de Crummies, que permanece estritamente ligada ao paradigma comunal e ao referente do espaço local. Não se considerou o episódio suficientemente importante para requerer o retorno da Guarda Nacional. Não parece ter havido investigação judicial alguma. Não houve investigações do Congresso, nem histórias nos meios de comunicação nacionais, nem comitês de escritores e intelectuais urbanos e, naturalmente, não houve implicação de ideologia radical alguma.

Isto, claro está, teve uma influência no impacto distinto das batalhas na historiografia acadêmica. Dado que Evarts se converteu em uma reivindicação do movimento sindicalista e dos direitos civis em escala nacional, se encontra amplamente documentada e registrada, e chega de forma natural à atenção dos historiadores do sin-

³² GAVENTA, John. *Power and Powerlessness. Rebellion and Quiescence in an Appalachian Valley*. Urbana, Ill: University of Illinois Press, 1980, p. 106, 116, 109.

³³ Senado dos Estados Unidos, *Conditions in Coal Fields: Harlan and Bell Counties, Kentucky*. Vistas ante um subcomitê do comitê sobre manufaturas, 11-19 de maio de 1932.

dicalismo e dos historiadores da esquerda. De fato, se os historiadores se deparam com algum problema ao tratar o tema de Evarts, é o excesso de fontes escritas, entre elas milhares de páginas de papéis judiciais e centenas de artigos de imprensa e revistas. Por outra parte, não parece haver existido registro institucional algum sobre a Batalha de Crummies: em uma busca, reconheço que rápida, pelas fichas correspondentes dos arquivos do UMWA, em Washington, não apareceu nem uma só referência ao tema.

A memória comunal de Crummies depende, não obstante, de um antecedente tangível: o edifício mesmo, um referente espacial visível que mantêm vivos a memória e o relato. Simbolicamente, Granny Hager assinala que, em seu lugar, havia desaparecido o espaço mesmo em que teve lugar a Batalha de Evarts: “Verás, fizeram a estrada nova depois que sucedeu tudo isso. Quando regressei a esse lugar, estava perdida. Quase não sabia onde estava”.³⁴ O referente de espaço comunal, para usar uma das frases de Hager, “a água levou... acabou ardendo”. Sua memória, não obstante, depende de outro referente espacial mais pessoal, seu próprio corpo:

E tenho cicatrizes por todo o corpo que posso dar-te exemplos, tenho-as de Harlan. E nas pernas e nos braços, ali os fura-greves tentavam retirar-nos das linhas de piquetes, e isto daqui, suponho que não o verás demasiado bem, que me levantaram a pele – assim? – e um homem a esticava e me sujeitou a mão e fez que me cortassem esse pedaço da mão. E esta aqui, os médicos temiam que fosse câncer, porém essa daí, quando me colocaram um cigarro na mão que acabou queimando-me até aqui. (Em Harlan), a princípios dos anos trinta. E tenho cicatrizes por todas as pernas, não se vêem demasiado bem, aqui mesmo há um ponto sumido, e aqui há uma cicatriz. Uma ocorreu quando estive em Evarts.³⁵

³⁴ Entrevista de Mullins, 31 de janeiro de 1978.

³⁵ Entrevista de Alessandro Portelli, 11 de setembro de 1973. A última frase, em que Hager indica Evarts como um dos lugares onde recebeu suas feridas, se encontra na primeira entrevista de Mullins.

Ponto de Vista

Os referentes espaciais e paradigmas sociais ajudam a configurar as modalidades narrativas e o ponto de vista. A modalidade institucional, por exemplo, está funcionalmente entrelaçada com uma referência espacial externa e com um narrador onisciente situado fora e acima da controvérsia dos fatos – como um juiz e um historiador. Assim, o discurso judicial e histórico, relacionado com instituições como o tribunal e o Congresso, de uma parte, e a universidade, de outra, prevalece no discurso sobre a Batalha de Evarts, enquanto sobre a Batalha de Crummies só existem narrações em primeira pessoa, de modo pessoal ou comunal.

Isto não quer dizer, claro está, que não existam narrações em primeira pessoa sobre a Batalha de Evarts. Seu significado, sem dúvida, está configurado pela inevitável relação com as narrações históricas e judiciais. Assim, Granny Hager descreve ambas as batalhas em termos muito parecidos: a sensação de perigo, o ato de buscar refúgio. Não obstante, em que pese ser textualmente similares, ambas as narrações estão relacionadas com diferentes discursos e distintas funções. A descrição de Granny Hager da Batalha de Evarts se encontra nas margens de um marco geral controlado por outras narrações institucionais. Ela incorpora a vida do detalhe à reconstrução judicial e histórica, porém seu relato encontra seu lugar dentro do marco que lhe corresponde, comparando as versões dela com as oficiais (“*O homem que foi preso por isso*”, disse ela, “*não foi o homem que o fez*”). Outros narradores, como Chester Pore, estiveram implicados na história institucional do juízo, e suas recordações refletem este fato.

As descrições dos fatos de Crummies elaboradas por Granny Hager ou Hazel Leonard, por outra parte, são fontes primárias: qualquer reconstrução do que sucedeu ali em Crummies deve ser articulada a partir de narrações deste tipo. Enquanto que, em aparência, o discurso em torno de Evarts se vê dominado pela “objetividade” e pela “neutralidade” de narradores oniscientes institucionais, o discurso em torno de Crummies existe unicamente no

ponto de vista subjetivo e circunscrito de participantes diretos e seu círculo.

Uma observação mais atenta, não obstante, nos revela que a pretensão de objetividade que configura o discurso judicial nas atas do processo, a investigação Dreiser, e o Comitê Costigan é, em grande parte, a representação de um discurso já ensaiado. As perguntas, especialmente nos dois comitês, são tão específicas que nenhum leitor poderá iludir-se ao dar-se conta de que foram realizadas precisamente porque os investigadores já conheciam as respostas e desejavam provocar uma repetição pública das declarações já feitas em outro lugar. Apesar de não ser legal nem moralmente im procedente, e cumprir certas funções úteis, isto insere um elemento de representação teatral naquilo que se apresenta como objetividade de fato³⁶. De uma forma mais complexa, o conceito de representação se aplica do mesmo jeito ao processo de Mount Sterling, onde ambos os lados apresentaram versões calculadas para ser-lhes o mais favorável possível, e algumas testemunhas repetiram visivelmente declarações preparadas, possivelmente aconselhadas por seus assessores ou pela acusação.³⁷

Bem, agora, estas representações de objetividade se convertem em fontes privilegiadas para uma possível historiografia objetiva: existe um impacto inevitável daquilo que se conhece como “a verdade judicial” sobre aquilo que chega a aceitar-se como “verdade histórica”. De fato, o discurso judicial entra diretamente no discurso histórico. Apesar de ser estudadamente neutra, Hevener

³⁶ Sobre o teatro e o sistema judicial, veja Milner S. Ball, “The Play’s the Thing: Na Unscientific Reflection on Courts under the Rubric of Theater”, *Stanford Law Review*, vol. 28 (novembro 1975), p. 81-113; Alessandro Portelli, “Oral Testimony, the Law, and the Making of History: the ‘April 7’ Murder Trial”, *History Workshop*, 20 (outono 1985), p. 5-35 (também de próxima aparição em *The Death of Luigi Tratulli*).

³⁷ Esta atribuição se faz sistematicamente, e com certa credibilidade, em *Bloody Harlan. Facts from the Court Records in the Harlan Frame-Up Trials*, um panfleto publicado por Kentucky Miners Defense em Nova York, 1937. O panfleto está copiado quase por completo (ainda que sem reconhecimento) em *Titler, Hell in Harlan*, p. 22-35.

baseia sua reconstrução da Batalha de Evarts quase inteiramente no testemunho da sala de tribunais, hostil aos mineiros.³⁸ Forester, anti-sindicato por princípio, ainda que relacionado com um dos advogados da defesa, prefere deixar abertas as conclusões. Titler, que incorpora um panfleto do comitê de defesa dos mineiros, contrasta a história oficial com o que ele chama “a história real”. Nenhum consegue resistir àquela tentação de repetir o discurso judicial a um nível mais fundamental: ou seja, usar as provas para tentar uma reconstrução do que “realmente” sucedeu – houve um intervalo entre o primeiro disparo e os demais? quando Jim Daniels saiu do veículo? começou a disparar antes que o atingissem? houve uma conspiração, estalou quase acidentalmente a conflagração, foi causada pela resposta de Daniel ao primeiro disparo?

Tudo isto é certamente importante e interessante, porém ao fim e ao cabo, contraproducente: ainda que abundem as fontes orais sobre Evarts, não estamos mais seguros do que sucedeu ali do que estamos a respeito de Crummies. Em ambos os casos, sabemos quem disparou o primeiro tiro: os mineiros de Evarts, os vigilantes da empresa em Crummies. Em nenhum dos casos sabemos com segurança quais foram as intenções originais dos mineiros: houve uma “conspiração” em Evarts? levavam armas “como um exército” em Crummies, como disse Hazel Leonard, ou foi um “piquete pacífico”, como na versão de Campagnari? Em ambos os casos, há bons motivos para crer ou desconfiar das duas versões.

³⁸ A descrição da Batalha de Evarts em *Which Side Are You On?*, de Hevener só oferece como referência o testemunho judicial dos vigilantes da companhia e dos ajudantes do sheriff que estiveram na comitiva de coches e que se apresentaram como testemunhas da acusação (Orville Howard, E.M. Cox, George Dawn, Sherman Percival) e o testemunho apresentado nas vistas do Comitê Costigan pelo coronel Daniel M. Carroll, que dirigiu a Guarda Nacional em Harlan. Isto não se deve a um preconceito de sua parte (sobre outra questão – se os acusados haviam conspirado para assaltar os vigilantes – cita a ambas as partes e deixa abertas as conclusões), senão à inevitável atração das fontes oficiais existentes. A breve descrição da batalha em Tony Bubka, “The Harlan County Coal Strike of 1931”, *Labor History*, XI, 1 (Inverno 1970), p. 41-57, também está baseada principalmente em testemunhos realizados no julgamento. É bom dizer que todas estas fontes são orais.

A continuação historiográfica do discurso judicial se equivoca também por outro motivo: a tentativa de estabelecer uma “descrição densa” dos fatos ofusca a necessidade de uma descrição avultada dos fatores culturais implicados. Uma vez feito o máximo para determinar o que sucedeu, e tendo fracassado, a questão central é: que significam as Batalhas de Evarts e Crummies? E a questão do significado nos dirige uma vez mais da análise dos fatos “objetivos”, de novo, à análise das histórias pessoais.

A Recontagem de Corpos

Existe outro paralelismo entre Evarts e Crummies. Em ambos os casos, as fontes escritas disponíveis especificam o número de baixas, com nomes e tudo – casualmente, quatro, em ambos os casos. Sem dúvida, em ambos os casos as fontes orais (diretas ou indiretas), sugerem que os mortos podem ter sido muito mais. Hazel Leonard sustenta que em Crummies “os mineiros mataram mais jagunços do que os jagunços mataram dos seus”. Paralelamente, se diz que o sheriff de Harlan, John Henry Blair, e outras “pessoas informadas” têm afirmado que “muito mais mineiros foram assassinados ou feridos na Batalha (de Evarts) do que se registrou como baixas”. “Muita gente”, escreverá mais adiante Jim Garland, “me pergunta por que os mineiros não mataram todos os jagunços, assinalando que os mineiros contavam com uma maioria muito elevada. (Porém) há que lembrar que aqueles homens contratados não fizeram mais que o corriqueiro com suas armas e que as mãos dos mineiros, rígidas pelo trabalho, eram lentas e pouco hábeis com uma pistola”.³⁹

³⁹ FORESTER. *Harlan County*, p. 10; GARLAND, Jim. *Welcome the Traveler Home. Jim Garland's Story of the Kentucky Mountains*, Urbana, Ill: University of Illinois Press, 1983, p. 141. editado por Julia S. Ardery. Garland, organizador do NMU, não participou na Batalha de Evarts. Forester assinala também que “Em 23 de maio de 1932, foi achado o corpo de um quinto homem supostamente assassinado na ‘Batalha de Evarts’. Não estava identificado. Isto acrescentava certa credibilidade à afirmação do Sheriff Blair, segundo a qual tinham sido assassinadas mais pessoas do que foram registradas no enfrentamento”, p. 14.

Em ambos os casos, pois, o grupo que não iniciou o tiroteio afirma ter acabado matando muitos mais do outro grupo do que foi registrado: o sheriff afirma que foi mais elevado o número de mortes entre os mineiros; os mineiros sustentam um número mais elevado de corpos entre os jagunços e se arrependem de não terem matado mais quando tiveram a possibilidade. Estamos acostumados ao contrário: cada grupo costuma tentar apresentar-se como vítima, não perpetrador da violência, elevando ao máximo suas próprias perdas e minimizando as dos outros. Isto, de fato, foi o caso sempre que prevalecia o discurso institucional – o juízo e as investigações do Congresso – e sempre que mudava o foco espacial de local a nacional – como nas apelações dirigidas à opinião pública a favor dos mineiros vitimizados.

Assim, a atitude para a violência tende a mudar segundo os níveis de discurso e os referentes espaciais. No paradigma institucional e no espaço “nacional”, a violência se considera uma erupção excepcional e, por tanto, equívoca na paz habitual; e a vítima se considera automaticamente certa. Vamos nos referir a este enfoque como o código “ético” sobre a violência. Assim, o primeiro episódio de violência – Evarts – foi recebido com sobressalto, porém a atenção desapareceu quando se fez evidente que a violência não era um estalido excepcional, senão um ingrediente permanente da normalidade. A partir daqui, percebeu-se a violência como uma descontinuidade não no tempo, senão no espaço. Foi trasladada da esfera temporal do descontínuo acontecimento histórico (a batalha), à fronteira espacial do outro mítico “Harlan Sangrento”, etiquetado como desviado da supostamente pacífica norma nacional. Isto excluía automaticamente da esfera nacional acontecimentos como as Batalhas de Stanfill, Crummies, Trace Fork; já não se tratava de capitalistas e trabalhadores enfrentando-se a tiros na luta de classes, senão de montanhese casmurros matando-se entre eles, como é natural que o façam.

Harlan, sem dúvida, não é outro país, senão profundamente parte da América. Sua gente compartilhava, ou ao menos era consciente, de uma interpretação institucional da violência, e o ressentimento da imagem do “Harlan Sangrento” era forte, especialmen-

te entre as elites. Apesar de tudo, não podiam escapar ao fato de que em sua experiência e entorno a violência se achava longe de ser excepcional. Em 1933, o ano mais violento de Harlan até esta data, 56 pessoas foram mortas a tiros, em sua maior parte em lutas armadas abertas, e só seis assassinos foram condenados⁴⁰. “*Hostia*⁴¹, *sim*”, disse o sheriff Blair quatro dias antes da Batalha de Evarts, “Dei ordens de disparar para matar. Quando os assaltantes atirarem em meus homens, responderão com disparos e dispararão para matar. Para isso utilizamos as armas aqui” – e a ênfase se encontra no referente espacial, “aqui”. O sheriff e os homens das empresas contrataram abertamente assassinos e criminosos conhecidos e condenados para se fazerem de vigilantes e ajudantes do sheriff ao longo daquela década.⁴²

Porém, a violência endêmica de Harlan não era tão intrínseca do caráter de sua gente, como da forma em que o condado representava uma concentração e deposição de muitos aspectos da experiência nacional, em uma combinação da experiência fronteira com um capitalismo sem controle e os padrões da política americana, especialmente a nível local.

Por uma parte, a situação fronteira se representa através da debilidade, no melhor dos casos e, no pior, através da mesmíssima ilegalidade da lei. Em Eastern Kentucky, a palavra “lei” não significa a autoridade da legalidade, senão um ajudante do sheriff armado. A incerteza da lei fez da região um paraíso para advogados e um ninho de intermináveis litígios, mas também induziu à tentação de tomar a lei segundo os próprios fins e acabar com os litígios à base de tiroteios, com bastantes possibilidades de sair impune. Portanto, um dos códigos que configuram as histórias de Evarts e Crummies é o código fronteiro da honra. O outro sempre saca primeiro, porém tu o acertas antes; e qualquer ofensa recebida lhe

⁴⁰ *Knoxville News Sentinel*, 4 de janeiro de 1934: titular de coluna sensacionalista.

⁴¹ Veja nota 14 (N.T.)

⁴² Foram recolhidas amplas provas nas vistas do comitê LaFollette: U.S. Congress, Senate, Committee of Education and Labor, *Violations of Free Speech and Rights of Labor*, 1937. Cita a John H. Blair em Bishop, 1931: *La Batalha de Evarts*.

atribui o dever da vingança. Bill Lewis, o vigilante que manejava a metralhadora em Crummies, foi assassinado quatro meses depois por um jovem mineiro chamado William Deane, a sangue frio e sem motivo aparente. George Titler disse implicitamente que foi um ato de vingança por seu crime.⁴³

O incontrolado desenvolvimento capitalista que surgiu após a abertura das minas de carvão em Harlan, por outra parte, não concedeu aos mineiros nenhum dos direitos que as empresas e autoridades se viam obrigadas a respeitar. Achavam-se sob o controle das empresas como trabalhadores, cidadãos, residentes, consumidores; mercadoria prescindível, que podia ser substituída com maquinaria, ou que se podia abandonar a viver ou morrer de fome segundo a conveniência e benevolência ou não dos empresários.⁴⁴ Uma forma de violência que era, e é, parte da vida cotidiana dos mineiros, era a morte violenta nas minas⁴⁵. Os vigilantes armados da empresa, frequentemente autorizados como ajudantes do sheriff, vigiavam povoados pertencentes à empresa que manifestavam muitos dos traços de um campo de concentração, e reprimiam rapidamente qualquer tentativa de sindicalização.⁴⁶ A combinação da anarquia da lei da fronteira e a anarquia da lei do capitalismo gerou o que, em um informe oficial de 1935, o governador do Kentucky caracterizou como “reinado do terror” e “reinado monstruoso da opressão”, cuja “causa principal” era “o desejo dos donos das minas de formar fortunas para seu próprio enriquecimento mediante a opressão de seus trabalhadores, o que levam a cabo através do escritório do Sheriff”.⁴⁷

⁴³ TITLER. *Hell in Harlan*, p. 163.

⁴⁴ Veja GAVENTA, John. *Power and Powerlessness*, p. 85-96.

⁴⁵ “Os mineiros sindicalistas tem sido descritos como ‘violentos’”, escreveu a mulher de um mineiro do carvão durante a greve de Pittston, na Virgínia, em 1989; “Meu tio teve a morte violenta de mineiro do carvão, e o proprietário ausente colheu os benefícios”: Dolores Booker, de St. Paul, Virgínia, carta ao *UMWA Journal*, 100, 7 (julho-agosto 1989), p. 3.

⁴⁶ PORTELLI, Alessandro. Patterns of Paternalism. From Company Town to Union Shop. In: *The Death of Luigi Trastulli*.

⁴⁷ “Reporto of Governor Laffon’s Investigation”, Frankfort, KY: 4 de junho de 1935, cópia em Berea College Library, arquivo sobre Mineiros (Harlan e Bell).

Finalmente, os padrões políticos sublinham o fato de que a violência esteve, em ambos os lados, totalmente desprovida de ideologias. A política institucional americana, baseada em um consenso fundamental de princípios, não é quase nunca uma confrontação ideológica. Este padrão se acentua, em várias ocasiões em excesso, no nível local. Assim, a política em Harlan não foi nunca uma confrontação de diferentes ideias e visões da sociedade, senão essencialmente uma luta pelo poder, uma proteção, que gerou tanta violência e matanças como as lutas sindicalistas ou as disputas privadas.⁴⁸ O mesmo pode ser dito da política sindicalista. A elite do poder local atribuía os estalidos de violência, como a Batalha de Evarts, à infiltração de agitadores radicais; esta atribuição, no entanto, carecia totalmente de fundamento. O conservador UMWA era muito mais violento que o revolucionário NMU que, supostamente, advogava pela violência revolucionária: tanto a Batalha de Evarts, quanto a Batalha de Crummies, da mesma forma que as de Stanfill e Fork Ridge, foram levadas a cabo sob os auspícios do UMWA. Os mineiros nunca foram tão menos violentos como durante a época do NMU: a politização da greve implicava a busca de soluções políticas, mais que militares; a debilidade do sindicato fez com que fosse mais prático recorrer à “razão” do que recorrer à “força”. Os mineiros e os organizadores do NMU insistiam em que eram vitimizados pelos jagunços e pelos ajudantes do sheriff. Fizeram um mártir simbólico do assassinado organizador do NMU, Harry Simms. O funeral de Simms, em Nova York, com duas mil pessoas acompanhando o féretro, foi o ritual através do qual o NMU, em um referente espacial nacional, advogou pelo código “ético” frente à violência dos operadores. Assim, Jim Garland, ex-militante do NMU, é praticamente o único escritor que assegura, contra todas as provas, que foram os jagunços, e não os mineiros, os que dispararam o primeiro tiro em Evarts. Por

⁴⁸ Um informante, a quem havia pedido que me falasse da Batalha de Evarts, pensou que me referia a outra matança múltipla ocorrida em 1936, desencadeada pelo roubo de uns votos durante eleições locais. Sobre política eleitoral em Harlan, veja FORESTER. *Harlan County*, p. 147-191; TITLER. *Hell in Harlan*, p. 156-165.

outro lado, um líder conservador, como George Titler, usa constantemente uma linguagem e metáforas militares: “Quando perguntaram a Deane por que havia matado Lewis”, escreve, “disse que tentava ganhar uma medalha”; também escreve que os homens que foram a juízo por assassinato, depois da Batalha de Fork Ridge, foram absolvidos por um jurado local porque “muita gente sentia que mereciam medalhas pelo serviço que prestaram à comunidade mais além das exigências do dever”.⁴⁹

Mais que refletir o extremismo da ideologia, as formas extremas de luta, ao menos neste caso, parecem compensar o vazio deixado pela ausência de conflito ideológico. Lá onde não se encontrem em jogo os temas ideológicos, a força tem a razão, e a política, incluída a política sindicalista, se converte essencialmente em uma confrontação de poder, e disparar não é mais que uma continuação da política por outros meios – ou seja, uma guerra.

Quando nossas fontes falam de “batalhas”, não se referem a isso como metáfora ou hipérbole, senão literalmente. O aparato mesmo da guerra chegou a formar parte da vida cotidiana das pessoas, pois Harlan se achou repetidamente sob ocupação militar e submetida à lei marcial entre 1931 e 1939, tanto por conflitos sindicalistas como pela política eleitoral. O fato de que as vidas dos mineiros se acharam em jogo reforçava esta percepção: “Chegou ao extremo de que não consideravam-na uma greve, consideravam-na uma guerra contra a fome”, disse Tillman Cadle, ex-militante do NMU.⁵⁰ Um colunista de primeira página do *New York Times* contou à nação a mesma história: “As minas de Harlan ante uma guerra civil; Um condado de Kentucky é um acampamento armado”.⁵¹ A descrição daqueles anos como um estado permanente de guerra, mais do que como uma sucessão de “batalhas” isoladas, não é unicamente uma elaboração da memória, senão

⁴⁹ HEVENER. *Which Side Are You On?*, p. 45; GARLAND. *Welcome the Traveler Home*, p. 141; TITLER. *Hell in Harlan*, p. 163, 207.

⁵⁰ Cadle Tillman, entrevistado por Alessandro Portelli, Townsend, Tenn., 15 de julho de 1987.

⁵¹ *The New York Times*, segunda-feira, 28 de setembro de 1931. O artigo é o primeiro de uma série de reportagens sobre Harlan de Louis Stark.

também uma descrição de como as pessoas realmente viam-nos. Em uma guerra, a violência não é uma exceção, senão a norma: o que conta não é condenar a outros por sua violência, senão superá-los nela. O código “ético”, segundo o qual a vítima é o ganhador moral, é substituído por um código “militar”, em que (como no código fronteiriço da honra) a vítima é o perdedor material. Por isso os dois lados exageram na recontagem dos corpos e alguns, todavia, se queixam de que não tenha sido mais elevado.⁵² Nisto, Harlan é tão americano como a torta de maçãs: exagerar a contagem de corpos é precisamente o que fizeram as instituições americanas no referente espacial internacional da guerra do Vietnã (enquanto durou a questão de quem estava ganhando. No Panamá, onde a questão da vitória militar nunca veio ao caso, o tema era moral e legal, e o discurso nacional americano fez o que pode para reduzir a contagem de corpos). Só no contexto de guerra podemos compreender estas histórias e enfrentarmos seus horrores. Relatarei aqui uma história de rotina diária no Vietnã, contada por um oficial das forças especiais:

“De todo modo, tínhamos estes corpos. Está claro, imediatamente meus homens lhes cortaram as orelhas. Punham para secar as orelhas e as levavam ao redor do pescoço. Chegaram os tipos da CBS e do UPI e os corpos não tinham orelhas [...]”.⁵³

E aqui relatarei uma história de Evarts, 1931.

Ben Campagnari.

E sabes este Joe Rossini (não é o nome autêntico)...? Ele foi o que (recolheu) a cabeça do senhor Daniel, e recolheu pedaços de crânio, e mostrou a meu pai no tribunal, tinha sangue. Disse, ‘Vou

⁵² BAKER, Mark (ed). *Nam. The Vietnam War in the Words of the Men and Women who Fought there.*, Londres: Abacus, 1982, p. 140. Quero agradecer a Marco Pasquali sua ajuda para localizar esta passagem.

⁵³ Ver nota anterior.

fazer um relógio com isto'. E ele era italiano, vês.

Pode ser que este seja o mesmo “velho mineiro” que contou a história a um entrevistador de uma revista, muitos anos depois:

Aproximamos-nos depois da luta e buscávamos onde havia caído (Jim Daniel), e havia um pedaço de seu crânio... um pedaço assim, de forma retangular... ali no solo. Dispararam-lhe um tiro ali mesmo para soltá-lo e saiu da pele...O recolhi e lhe retirei a carne raspando-o, fiz uma correia de relógio. Levei-o a Middlesboro e o vendi a um dos irmãos Ball lá de baixo, enfeitam um dos bares. Me rendeu \$50.⁵⁴

Violência, Paradigmas Sociais, Referentes Espaciais, e o Olho da Câmera

Alguns comentários breves, a modo de conclusão. Como temos visto, seria equívoco opor um código ético “nacional” a um código militar e fronteiro “local”. Na verdade, todos estes códigos coexistem e interatuam dentro da cultura dos mineiros, assim como dentro da cultura americana em geral.⁵⁵ No caso das minas, a balança se inclina para uma direção ou outra pelo contexto histórico e político, pela pragmática eleição de estratégia dos mineiros (que implica a seleção do paradigma social e do referente espacial) e pelo sistema de comunicação. Podemos apreciar o funcionamento desta inter-relação de códigos em uma análise breve de três greves recentes.

Nos anos 70, Harlan voltou a aparecer nos informativos nacionais, quando um filme documental, a premiada *Harlan County, USA*, de Barbara Kopple, cobriu a greve de dois anos vivida na

⁵⁴ “Um velho mineiro”, citado por John Ed Pearce no *Courier-Journal* de Louisville, domingo, 6 de outubro de 1985, p. 6. A fonte original de Pearce é um artigo não especificado em *Mountain Life and Work*, publicado em Berea, Kentucky.

⁵⁵ Louis Stark se referiu a isto implicitamente quando comentou que escrevia seu relato em um despacho de Chicago “com vistas à relativa paz de Michigan Boulevard, onde os vigaristas ‘estiveram em tiroteio outro dia’”, em “Harlan Coal Fields Face Civil War”, *The New York Times*, 28 de setembro de 1931.

mina de Brookside. Em 1987, entrevistei um dos líderes da greve, que também se encontrava muito relacionado com a equipe de filmagem de Kopple. Ao perguntar-lhe se voltaria a fazer (a filmagem), respondeu – meio sério, meio zombeteiro: “A próxima vez, nada de filme, e muito, muito mais violência”. Não se pode evitar a lembrança do oficial no Vietnam, cuja única preocupação a respeito dos corpos sem orelhas era o que poderiam pensar a CBS e o UPI. Está claro que a presença de observadores forâneos tende a modificar o paradigma social (de pessoal/comunal a institucional) e o referente espacial (de local a nacional ou internacional). Assim, desativa o código militar a favor do código “ético”. Uma razão para que a Batalha de Crummies não chegasse a formar parte do registro histórico é, como recorda Hazel Leonard, que a comunidade mineira manteve em segredo o assassinato dos jagunços.

Os observadores forâneos sempre impõem, até certo ponto, sua própria agenda pública. A presença do Comitê Dreiser, nos anos trinta, reorientou a atenção do problema material dos mineiros para a questão dos direitos civis. A equipe de filmagem foi enviada a Brookside precisamente para evitar um estalido de violência, e conseguiu inclinar a balança cultural a favor do código ético. Antes de usar a mesma violência que os homens das empresas, os mineiros optaram por expô-la e serem os ganhadores morais, e não militares: quando um grevista foi assassinado por um vigilante da empresa, o governo induziu a Duke Power Company para que assinasse o contrato. As coisas, apesar de tudo, não foram tão simples: em uma dramática reunião, os mineiros debateram entre eles se responderiam segundo o código ético, militar ou de honra, e elegeram a pragmática antes que a moral: prevaleceu o código ético unicamente quando o sindicato e o governo asseguraram que garantiriam a assinatura do contrato⁵⁶. De fato, um motivo para que o governo interviesse foi para evitar que se fizes-

⁵⁶ ANN EWEN, Lynda. *Which Side Are You On? The Brookside Strike in Harlan County, Kentucky, 1973-1974*. Chicago: Vanguard Books, 1979, p. 81-83. Esta reunião também está documentada no filme de Kopple, *Harlan County, USA*, 1977.

sem efetivos os demais códigos:

Alguns dos mineiros, os mineiros do sindicato, o que tinham em mente primeiro era vingar-se. E eu o vi. Eu vi medo em alguma gente; medo do que havia sido um enfrentamento muito tenso até então, medo de que pudesse tornar-se muito mais tenso e que o enfrentamento pudesse evoluir até converter-se em uma pequena guerra em Clover Fork.⁵⁷

Em 1978, houve uma nova greve na mina de Jericol, no condado de Harlan. Desta vez, nada de filmagem, e mais violência, de ambos os lados. A vítima, desta vez, foi um homem que não pertencia ao sindicato, um fura-greve. Mais do que para uma vitória militar – impossível devido à presença de tropas estatais – isto contribuiu para uma derrota ética. A greve havia se perdido.⁵⁸

Finalmente, surgiu um traço cultural da percepção das greves como guerras, que se manifestou no uso de camuflagem por parte dos mineiros de Pittston, na greve do carvão de 1989, na Virgínia. Em que pese que esta prática fosse descrita unicamente como uma forma de identificação,⁵⁹ as implicações guerrilheiras eram muito sólidas na história e tradição dos mineiros.⁶⁰ Os meios de

⁵⁷ Ewell Balltrip, entrevistado por Alessandro Portelli, Harlan, 14 de outubro de 1987.

⁵⁸ Ewell Balltrip; Delbert Jones, entrevistado por Alessandro Portelli, Highsplint, KY: 24 de outubro de 1988.

⁵⁹ Harold Dutton e Tommy Meade, entrevistados por Alessandro Portelli, St. Paul, Virginia, 27 de dezembro de 1989.

⁶⁰ “Nos têm presos – suas linhas marciais nos envolvem.../Só quero que vinguem as folhas e me escondam,/ Para cobrir meu errar vingativo.../Quero usar esta Arma em segredo.../ Oh, Companheiro, e como desejo a primavera”: CHAPLIN, Ralph. *When the Leaves Come Out*, 1914; atualmente em Joyce Korblyuh, *Rebel Voices. Na I.W.W Anthology* (Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1972). Chaplin escreveu este poema durante uma greve de mineiros em West Virginia. É também o autor da canção *Solidarity Forever*, que é um dos hinos da greve de Pittston. Segundo um testemunho no juízo da Batalha de Evarts, em uma reunião prévia à batalha, um orador disse aos mineiros: “As folhas reverdecem e agora é uma boa época para ir caçar esquilos / fura-greves” (KINSLEY, Philip. *Witnesses Give Word/Picture of Unrest in*

comunicação anteciparam com emoção a violência na greve de Pittston, e fizeram tanto como propiciá-la. Os meios de comunicação combinaram seu poder de “guardiões da porta”, ao manter a greve apartada do cenário nacional (um grevista observou que “se isto tivesse sucedido na Polônia, teria sido notícia de primeira página a cada dia”) e da “mobilização da opinião”, ao centrar o discurso quase exclusivamente na violência. Ao excluir a greve do referente espacial mais amplo, e assim favorecer o “código militar” ligado ao referente espacial restringido, os meios de comunicação contribuíram para tornar a violência mais provável; ao centrar-se na violência como temática, se prepararam para derrotar a greve no plano “ético”.⁶¹

O sindicato contrabalançou com êxito esta estratégia ampliando o referente espacial através dos meios de comunicação clandestinos da base, que fez do Acampamento Solidariedade, dos mineiros, um lugar de reunião de trabalhadores e simpatizantes de todos os Estados Unidos. A modificação da referência espacial, de local a nacional, contribuiu para evitar a mudança de código, de ético a militar. Em suas declarações e entrevistas, os mineiros insistiram em sua vitimização por parte dos vigilantes da empresa e das tropas estatais, e na iminente ameaça de militarização da luta por parte do governador da Virgínia. Finalmente, inclusive os meios de comunicação, tiveram que admitir que, apesar de haver ocorrido atos de sabotagem contra objetos e instalações, a única violência contra pessoas havia sido perpetrada contra, e não pelos mineiros. A greve, afinal, teve que ser mediada a nível federal, e concluiu em concessões recíprocas.⁶²

Mines. *Knoxville News-Sentinel*, 24 de novembro de 1932). “Colocarão coisas de camuflagem ou de luta entre arbustos e se adentrarão nos montes”, disse um mineiro e predicador do condado de Harlan, em 1986, discutindo a possibilidade de uma greve (Tommy Sweatt, entrevistado por Alessandro Portelli, Lynch, KY, 7 de outubro de 1986).

⁶¹ Sobre os “guardiões da porta” e a “mobilização da opinião”, veja GAVENTA. *Power and Powerlessness*, p. 14-15, 106.

⁶² Violence in Coal Strike Is Increasing, *The New York Times*, 5 de setembro de 1989.

Conclusões

Este trabalho propôs duas questões:

Por que a Batalha de Evarts é um acontecimento histórico reconhecido, enquanto a Batalha de Crummies se exclui da memória histórica clássica?

Qual é o significado cultural destes dois acontecimentos?

A primeira pergunta foi respondida em termos de tempo, espaço, paradigma social e modalidade narrativa. Em termos de tempo, a Batalha de Evarts, diferentemente da Batalha de Crummies, é percebida como o princípio de um período histórico, harmonizada com fatos coetâneos, situando-se dentro do espaço de tempo da periodização convencional. Nada disto é aplicável à Batalha de Crummies. Em termos de espaço e paradigmas sociais, a Batalha de Evarts se converteu em notícia nacional e símbolo de uma situação nacional; foi abordada por agências, instituições, intelectuais, cuja esfera de ação se encontrava fora do entorno local, enquanto que a Batalha de Crummies se manteve na esfera comunal e pessoal. Em termos de modalidades narrativas, a Batalha de Evarts tem sido contada por narradores forâneos oniscientes na autoritária modalidade judicial e histórica, enquanto que a Batalha de Crummies permaneceu como propriedade dos historiadores do povo e dos narradores orais. Assim, enquanto a Batalha de Evarts encaixa em uma narrativa cronológica de fatos destacados (batalhas), a Batalha de Crummies se converteu no fato significativo de uma representação condensada de todo um período de guerra permanente.

A segunda questão, o significado cultural, reconhecia aquela presença de três códigos encobertos referidos à violência, que interatuam na cultura americana em geral, assim como na cultura específica dos mineiros do carvão de Harlan: um código “ético”, ligado ao discurso institucional e ao espaço nacional, que condena a violência como erupção em uma paz supostamente normal; um código fronteiro de “honra”, que exige uma resposta violenta a uma agressão violenta; um código “militar”, que aceita a violência como norma em um estado de guerra. Ficou demonstrado que

o equilíbrio variável destes códigos é um fator na evolução de greves específicas, a base sobre a qual os trabalhadores se esforçaram em aplicar o código que asseguraria de modo pragmático o êxito de sua luta. Uma vez mais, se demonstra que a luta de classes tem lugar, primeiramente, nas mentes das pessoas implicadas.